



Apontamentos sobre o preconceito com o futebol feminino no Brasil

Geovana Silva Medeiros¹  

Universidade Estadual do Paraná

Isabella Caroline Belem²  

Universidade do Estado de Minas Gerais

Meire Aparecida Lôde-Nunes³  

Universidade Estadual do Paraná

Resumo

Este estudo tem por objetivo descrever o preconceito com o futebol feminino no contexto do esporte nacional. Caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, qualitativa realizada por meio de livros e artigos científicos. O trabalho buscou enfatizar os diferentes estereótipos associados ao futebol feminino durante a história, os tipos de preconceitos sofrido pelas mulheres e a importância desta temática na Educação Física Escolar. O futebol se estabeleceu como um reduto da masculinidade e a entrada do público feminino nesse âmbito gerou diversas represálias pela sociedade machista, o que acabou dificultando a inserção das mulheres neste esporte. Este cenário, repleto de obstáculos e preconceitos, deixou marcas na modalidade, no entanto, o futebol feminino vem tendo grandes avanços e conquistas. E no âmbito escolar não apresenta muitas diferenças, o futebol também é masculinizado. Nesse sentido, a atuação do professor é fundamental por ter a possibilidade de ser a agente de transformações sociais. Os estudos analisados apontaram que a mulher, historicamente, sempre foi colocada como inferior, considerada como sexo frágil e sem lugar de fala. No entanto, as mulheres nunca ocuparam e se encaixaram nessa delimitação, mesmo enfrentando preconceitos e desigualdades sempre estiveram presentes no mundo futebolístico. Verificou-se com este trabalho que o futebol feminino tem um trajeto carregado de proibições e limitações e mesmo obtendo avanços o preconceito ainda está muito presente atualmente.

Palavras-chave

Futebol feminino. Preconceito. Esporte. Brasil.

1. Formação de Docentes (Colégio Estadual São Vicente de Paula – E.F. – E.M. – N. – E.P. – Nova Esperança); Licenciatura em Educação Física (Unespar, campus de Paranavaí).

2. Doutora em Educação Física (UEL); Docente do curso de Educação Física (UEMG, unidade de Ibirité).

3. Doutora em Educação (UEM); Docente do curso de Educação Física (Unespar, campus de Paranavaí); Docente do Programa de Pós-graduação Sociedade e Desenvolvimento (Unespar, campus de Campo Mourão).

Notes on prejudice against women's football in Brazil

Abstract: This study aims to describe prejudice against women's football in the context of national sport. It was constructed through a qualitative bibliographical review, using books and scientific articles. The work sought to emphasize the different stereotypes associated with women's football throughout history, the types of prejudice suffered by women and the importance of this theme in School Physical Education. Football has established itself as a stronghold of masculinity and the entry of female audiences into this field has generated several reprisals from sexist society, which has ended up making it even more difficult for women to enter this sport. This scenario full of obstacles and prejudices left its mark on the sport, however, women's football has been making great advances and achievements. And in the school context this scenario does not present many differences, football is also masculine. In this sense, the figure of the teacher comes into play, who has the possibility of being the main tool for social transformation. The studies analyzed showed that women, historically, have always been considered inferior, considered the weaker sex and without a place to speak. However, women never occupied and fit into this delimitation that they tried to place them, this is because, despite facing prejudice and inequality, they have always been present in the football world. It was verified through this work that women's football has a path full of prohibitions and limitations with the female public and even though it has made progress, prejudice is still very present today.

Keywords: Women's football. Prejudice. Sport. Brazil.

Apuntes sobre los prejuicios contra el fútbol femenino en Brasil

Resumen: Este estudio tiene como objetivo describir los prejuicios contra el fútbol femenino en el contexto del deporte nacional. Se construyó a través de una revisión bibliográfica cualitativa, utilizando libros y artículos científicos. El trabajo buscó enfatizar los diferentes estereotipos asociados al fútbol femenino a lo largo de la historia, los tipos de prejuicios que sufren las mujeres y la importancia de este tema en la Educación Física Escolar. El fútbol se ha consolidado como un reducto de la masculinidad y la entrada del público femenino en este campo ha generado varias represalias por parte de la sociedad machista, lo que ha acabado por dificultar aún más la entrada de las mujeres en este deporte. Este escenario lleno de obstáculos y prejuicios dejó huella en el deporte, sin embargo, el fútbol femenino viene logrando grandes avances y logros. Y en el contexto escolar este escenario no presenta muchas diferencias, el fútbol también es masculino. En este sentido entra en juego la figura del docente, quien tiene la posibilidad de ser la principal herramienta de transformación social. Los estudios analizados demostraron que las mujeres, históricamente, siempre han sido consideradas inferiores, consideradas el sexo más débil y sin lugar para hablar. Sin embargo, las mujeres nunca ocuparon y encajaron en esta delimitación que intentaron colocarlas, esto se debe a que, a pesar de enfrentar prejuicios y desigualdades, siempre han estado presentes en el mundo del fútbol. Se constató a través de este trabajo que el fútbol femenino tiene un camino lleno de prohibiciones y limitaciones con el público femenino y aunque ha avanzado, los prejuicios siguen muy presentes hoy en día.

Palabras clave: Fútbol femenino. Prejuicio. Deporte. Brasil.

Introdução

Atualmente, um dos esportes mais populares do mundo é o futebol, isto porque sua prática alcança com sucesso diferentes nações, todas unidas, muitas vezes, pela magia de ver a bola rolando no campo. A maior parte da humanidade se mobiliza com esse esporte e seu sucesso não pode ser negado, uma vez que é algo que faz parte do cotidiano das pessoas onde quer que estejam, no trabalho, na rua, na escola ou no lazer (Costa, 2016).

Segundo Souza e Ramalho (2020) o futebol pode ser praticado por homens e por mulheres, porém a visibilidade ainda é maior para o sexo masculino. Quando as

mulheres decidiram enfrentar a desigualdade e brigar por seus direitos, o futebol já estava bem enraizado pela sociedade machista, o que acabou dificultando a inserção das mulheres neste esporte.

No Brasil, há registros do futebol feminino na década de 1920. Nesta época, os jogos eram voltados apenas para exibição e causas beneficentes, ou seja, não obtinham caráter competitivo. Ademais, segundo Bonfim (2019), entre o período de 1920 e 1930, o futebol feminino acabou se tornando um espetáculo circense e era visto em festas esportivas. Em relação à formação de times, informações apontam para o início da década de 1940. No ano seguinte, um grande obstáculo acabou dificultando o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil, o Decreto-Lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941 proibiu o futebol para mulheres. Essa determinação foi reforçada por uma deliberação do Conselho Nacional de Desportos (CND), em 1965 (Araújo; Ventura, 2021).

Durante o período de proibição, as mulheres continuaram praticando a modalidade. As práticas clandestinas foram uma forma de resistência contra a legislação discriminatória baseada no gênero e contra os padrões de feminilidade e de comportamentos considerados naturais, visto que, para a sociedade, as mulheres que jogavam futebol eram homossexuais e seriam masculinizadas. Ademais, a prática era considerada violenta para elas devido aos seus corpos frágeis. Toda essa resistência trouxe consequências, uma vez que as mulheres que jogavam futebol eram presas. Após décadas de banimento, em 1979 as determinações que impediam o futebol feminino foram revogadas e com a pressão de times femininos e a luta por uma possibilidade de carreira no esporte, em 1983 o Conselho Nacional de Desportos (CND) regulamentou a modalidade (Araújo; Ventura, 2021).

A participação das mulheres no futebol ocorreu em diferentes áreas: torcedora, jogadora, árbitra, técnica e dirigente. Ao longo da trajetória, todos esses setores são repletos de conquistas e dificuldades (Souza *et al.*, 2019). Além disso, no século XXI surge o conceito de musa do time, o que acaba fugindo totalmente do papel de torcedora, uma vez que a imagem da mulher é explorada como símbolo sexual ignorando todos os aspectos importantes na construção do retrato de um torcedor, como o conhecimento técnico (Firmino; Ventura, 2013).

O futebol feminino no Brasil, no decorrer de sua história, é repleto de preconceitos de gênero, de proibições, de restritas divulgações midiáticas e de pouco incentivo financeiro. Assim, é possível observar que o futebol se estabeleceu como um reduto da masculinidade e a entrada do público feminino nesse âmbito gerou diversas represálias. Toda a trajetória de reivindicação das mulheres pela possibilidade de jogar futebol deixou marcas na modalidade no Brasil que, até hoje, é sublinhada pela luta em prol da profissionalização. No entanto, mesmo com todos esses obstáculos, este esporte teve

aparições internacionais e participações significativas em eventos esportivos como nos Jogos Olímpicos e na Copa do Mundo de Futebol Feminino.

E no âmbito escolar o cenário não apresenta muitas diferenças, o futebol é masculinizado e mais voltado para os meninos. Nesse sentido, a atuação do professor é essencial, pois tem a possibilidade de ser a principal ferramenta de transformação social ao trabalhar com seus alunos, meninos e meninas, a conscientização de que o futebol, ou qualquer outro esporte, pode ser praticado por homens e mulheres. Porém,

[...] os professores de educação física sentem dificuldades em se libertar de determinados preconceitos e propor uma prática que propicie as mesmas oportunidades a todos os alunos, meninos e meninas, respeitando as diferenças e os interesses de cada um (Daolio, 2003, p. 115).

Um importante aspecto neste contexto tanto para o professor quanto para o aluno seria a discussão dessa temática nas aulas, ao trazer essa questão do preconceito com o futebol feminino para dentro da sala de aula, assim possibilitando uma transformação social em ambas as partes.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é descrever o preconceito com o futebol feminino no contexto do esporte nacional por meio de uma revisão de literatura qualitativa de textos publicados sobre essa temática. Para o desenvolvimento do objetivo, o estudo foi dividido em etapas que são apresentadas no texto em duas seções. A primeira seção tem como proposta investigar os aspectos gerais do futebol feminino e está dividida em três subseções denominadas respectivamente: “2.1 História do futebol feminino no Brasil”; “2.2 O preconceito com o futebol feminino”; “2.3 A visibilidade do futebol feminino na Educação Física Escolar”. A segunda seção se destina a apresentar o levantamento bibliográfico realizado em repositórios de busca de publicações acadêmicas sobre a temática.

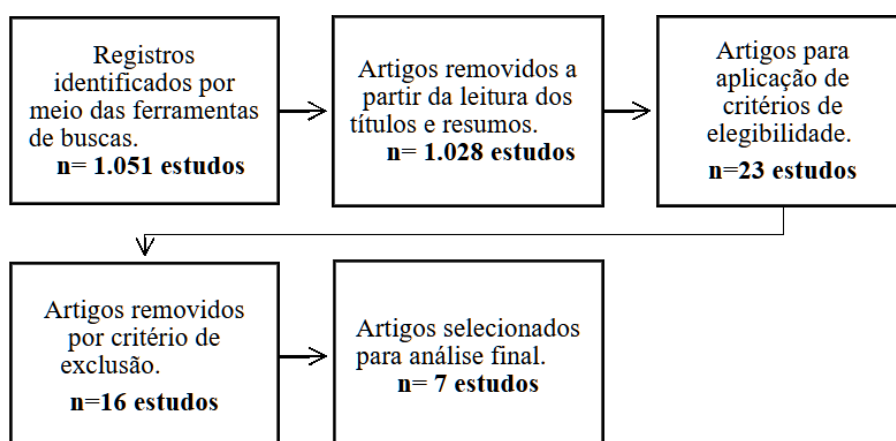
1 Métodos

Este estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, qualitativa, sendo uma pesquisa que se ocupa com um nível de veracidade que não pode ou não deveria ser quantificado, trabalha com o mundo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, buscando compreender fenômenos, fatos e processos particulares e específicos (Brito *et al.*, 2021). Segundo Brito *et al.* (2021), a pesquisa bibliográfica pode ser entendida como uma revisão de literatura publicada acerca das principais teorias que orientam o trabalho científico e pode ser realizada em livros, periódicos, artigos de jornais, sites da internet, entre outras fontes. Dessa forma, o es-

tudo tem por objetivo descrever o preconceito com o futebol feminino no contexto do esporte nacional.

Para este estudo, foi realizada uma pesquisa entre os meses de agosto a novembro de 2023 nas plataformas: Google Acadêmico, Scielo e Lilacs. Os termos utilizados foram: “futebol feminino”, “preconceito”, “Brasil”, “gênero”, “esporte”, “visibilidade” e “Educação Física escolar” combinados com os indicadores booleanos “AND”, “OR” ou “NOT”. Para análise dos estudos a respeito do preconceito com o futebol feminino foram utilizados como critérios de inclusão: (a) nacional (língua portuguesa); (b) tratar sobre o preconceito com o futebol feminino no âmbito nacional. E os critérios de exclusão compreendem: (a) teses, dissertações, conferências e resumos; (b) artigos que não tratem sobre os assuntos elencados para a análise. Dessa forma, para uma melhor compressão dos estudos, os dados coletados foram dispostos em um fluxograma (Figura 1).

Figura 1 – Fluxograma da análise e inclusão dos artigos no estudo de revisão.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

De acordo com o fluxograma (Figura 1), a busca nas bases citadas totalizou 1.051 resultados. Foram excluídos 1.028 estudos a partir da leitura dos títulos e resumos. Após, foram mantidos 23 artigos para a leitura completa. Assim, a partir da leitura e da análise, ocorreu a exclusão de 16 artigos que não estavam de acordo com os critérios, restando para análise e construção 7 artigos. Com isso, este trabalho consiste em uma pesquisa de três meses sobre o futebol feminino (fluxograma) e também uma descrição (revisão de literatura) sobre o preconceito e a prática durante a história, reforçando a importância dessa temática na Educação Física Escolar.

2 Revisão de literatura

2.1 História do futebol feminino no Brasil

Segundo Moura (2003) *apud* Souza e Ramalho (2020), no Brasil os primeiros registros do futebol feminino ocorreram na década de 1920, mais especificamente em São Paulo no ano de 1921 em uma partida entre senhoritas Tremembenses contra senhoritas Cantareirenses. Nesta época os jogos não obtinham um caráter competitivo, eram vistos como um espetáculo que acontecia em festas esportivas. Entre as décadas de 1930 e 1940 o crescimento dessa modalidade ainda era lento e os questionamentos sobre essa prática começaram a surgir, os quais já vinham camuflados de preconceito e incitavam a condenação da prática do futebol por mulheres. Como exemplo, ressalta-se o discurso do doutor Humberto Ballariny, em 1940, que considerou o futebol feminino como violento e “[...] exacerbador do espírito combativo e da agressividade, qualidades incompatíveis com a mulher” (Moura, 2003, *apud* Costa, 2016 p. 7-8).

A disseminação do futebol feminino pelo país e discursos como esse levaram à proibição da prática. Segundo Araújo e Ventura (2021), o Decreto-Lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941, por meio da criação do Conselho Nacional de Desportos (CND), em seu artigo 54, estabeleceu a proibição de qualquer prática desportiva por parte das mulheres. Essa decisão foi reforçada em 1965 por meio de uma deliberação do CND. No entanto, durante esta temporada de proibição as mulheres não deixaram de praticar futebol. Elas realizavam partidas clandestinas como uma forma de resistência contra os padrões e modelos que a sociedade estava impondo.

Essa proibição durou por mais de três décadas e somente em 1979 as determinações que proibiam a prática do futebol feminino foram revogadas, por meio da Deliberação nº 10/1979. De acordo com Araújo e Ventura (2021), todo esse período de proibição trouxe fortes consequências para o desenvolvimento da modalidade que vão desde a falta de estímulo por parte das mulheres de continuar lutando pelos seus direitos até o seu crescimento no âmbito escolar, já que as meninas não eram incentivadas a praticar qualquer tipo de atividade física ou esporte que colocasse em risco sua feminilidade.

Após a revogação, o status do futebol feminino iniciou uma nova fase. Na década de 1980 surgiram iniciativas de criação e organização de equipes como, por exemplo, o Esporte Clube Radar do Rio de Janeiro. Esse time foi formado em 1932, mas apenas em 1981 ocorreu a criação da equipe feminina, com as práticas na quadra poliesportiva na areia. Foi no campo que a equipe obteve sua melhor fase, sendo assim diante da história considerado o mais importante time de futebol feminino (Carmona; Poll, 2006).

Um dos marcos desse período pós-proibição foi a regulamentação da modalidade em 1983 pelo Conselho Nacional de Desportos por meio da Deliberação nº 01/83 de 1º de abril 1983. Outro momento que merece destaque ocorreu em 1988, quando a Fe-

deração Internacional de Futebol (FIFA) criou um torneio experimental chamado “*Women’s Invitational Tournament*”, que ocorreu na China e teve a participação de 12 equipes. Nessa competição, o Brasil venceu a seleção chinesa nos pênaltis e levou o bronze.

Na década de 1990, o cenário do futebol feminino começa a se expandir, e esse período é marcado pelo início dos campeonatos regionais, estaduais, nacionais e a criação da Copa do Mundo de Futebol Feminino em 1991. Os resultados positivos das atletas em campeonatos Sul-Americanos e Olimpíadas, por exemplo, apareceram de forma mais interna, já que a modalidade não se mostrava atrativa para patrocínios, mídia e torcedores. Isso porque a cultura enraizada em torno do futebol feminino era de caráter sexual, focando apenas o corpo das jogadoras e não na prática em si.

A década de 2000 trouxe resultados de extrema importância para a ascensão do futebol feminino, visto que nessa época houve a conquista do 4º lugar do Brasil nas Olimpíadas de Sydney na Austrália e no Sul-Americano a equipe Sub-19 se consagrou campeã. Em 2003, foram campeãs no campeonato Sul-Americano na categoria adulto e nos Jogos Pan-Americanos na República Dominicana. Apesar de diversos resultados positivos, as atletas enfrentavam duras realidades, principalmente, na questão do salário. Esse fato, é reforçado pelas falas das jogadoras:

“Jogar futebol no Brasil não é fácil. Não tem salário, tem ajuda de custo”, diz Grazielle Nascimento, 26 anos, que joga no Botucatu – SP” (Ribeiro, 2007, p. 27); “[...] experiência eu tenho. Só não tenho dinheiro”, fala Renata Diniz, que há 4 anos já faz parte do elenco da Seleção” (Ribeiro, 2007, p. 27).

Mesmo diante dessa situação, as atletas não desistiram e continuaram trazendo excelentes resultados para o Brasil como a Copa do Mundo de 2007, disputada na China, na qual a equipe se consagrou vice-campeã. Ademais, nesse mesmo ano, conquistaram a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro. Em 2009, tem-se um novo marco histórico para o futebol feminino, com a realização pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) da primeira Copa Libertadores de Futebol Feminino com a participação de dez equipes, uma de cada país membro. Nesse campeonato, o time do Santos se tornou campeão tendo em sua equipe as jogadoras Marta e Cristiane. Vale ressaltar, que o Brasil se torna protagonista no futebol feminino, com a vitória da atleta Marta como melhor a jogadora do mundo por seis vezes consecutivas (Aguiar; Maldonado, 2021).

Embora o futebol feminino tenha adquirido importantes conquistas, ainda é grande a lacuna em relação ao futebol masculino. Com o intuito de dar visibilidade a esta modalidade a CONMEBOL e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no ano de 2019, aprovaram um regulamento que determina medidas que buscavam, dentre outras questões, a igualdade de gêneros. Os times que necessitam de licenciamento da

CONMEBOL e da CBF e que não estivessem dentro das normas como, por exemplo, clubes da Série A do Campeonato Brasileiro, poderiam sofrer futuras punições. O intuito dessa medida foi garantir que as grandes equipes investissem no futebol feminino, proporcionando os mesmos recursos e direitos que o futebol masculino, ou seja, ações básicas que toda equipe necessita para se manter e disputar os campeonatos. Costa e Machado (2020) afirmam que é visível o preconceito com relação ao futebol feminino, sobretudo devido ao descaso com o papel desempenhado pelas mulheres no imaginário social. Neste esporte, mais especificamente, isso se evidencia pela falta de investimento, organização e cobertura da mídia.

Em 2019 o futebol feminino conquistou um espaço importante, com a transmissão pela TV Globo pela primeira vez da Copa do Mundo de Futebol Feminino realizada na França. Esse acontecimento foi de extrema importância para a trajetória da modalidade, já que teve recordes de audiência sendo a Copa Feminina mais acompanhada da história segundo o portal GloboEsporte.com. Em 2023 a visibilidade do futebol feminino alcançou outro patamar, o aumento de interesse dos torcedores resultou mais patrocínios e cobertura pelas mídias. Como destaca Mendes (2023), o número de ligas femininas com patrocinadores aumentou para 77% após 2021. Foi identificado, ainda, um aumento quanto a receita de transmissão, comerciais e prêmios em dinheiro.

Além de todos os meios de comunicação que transmitiram a última Copa Feminina de 2023, o canal de streaming Cazé TV, do influenciador Casimiro Miguel, desempenhou um papel importante nesse sentido, dando visibilidade para o futebol feminino (Mendes, 2023). Diante da trajetória descrita, fica evidente que o futebol feminino teve grandes avanços, contudo ainda há muito a ser conquistado.

2.2 O preconceito com o futebol feminino

Ao olharmos para a história do esporte veremos que ele sempre foi associado ao sexo masculino, desde o início a participação dos homens é valorizada e incentivada. Com o futebol não foi diferente e como consequência, durante a infância, o menino sempre é incentivado a esta prática enquanto as meninas não. Segundo Viana (2008) *apud* Souza e Altmann (1999), as meninas são muitas vezes consideradas fracas e sem habilidades para este esporte.

Na vida adulta, essas ideias permanecem, já que de acordo com diferentes discursos a mulher é colocada como sexo frágil e ao praticar o futebol coloca a sua feminilidade em risco, transformando seu corpo belo e sua delicadeza em músculos e agressividade se tornando uma mulher masculinizada. A seguir, um trecho que remete a este pensamento:

Não negamos à mulher os mesmos direitos concedidos ao homem, porém não compreendemos que a mulher interprete essa igualdade procurando imitá-lo física, moral e intelectualmente, testemunhando dessa maneira uma superioridade inexistente. Sim, porque só almejamos igualar o que nos supera. Quanto às qualidades morais que todos os esportes coletivos desenvolvem, achamos ser o futebol, pela sua natural violência, um exacerbador do espírito combativo e da agressividade, qualidades incompatíveis com o temperamento e o caráter feminino. Quanto ao desenvolvimento intelectual, facilmente concordaremos que o futebol não é dos mais eficientes. Portanto, não sendo aconselhado por motivos higiênicos, físicos ou morais, não será pelo seu reduzidíssimo valor intelectual que a mulher o vá praticar. Assim, pelas razões acima expedidas, que envolvem matéria de ordem técnica é nossa opinião ser o futebol, para a mulher, anti-higiênico e contrário à natural inclinação da alma feminina (Firmino; Ventura, 2013 *apud* Ballaryni, 1940).

Nesse discurso sobre a masculinização, outra questão é colocada em jogo, a sua sexualidade. Pois, se a mulher que joga futebol tiver uma aparência diferente do esperado como, por exemplo, o cabelo curto, esta já é considerada homossexual, sendo alvo de chacotas e apelidos como “mulher-macho” e “sapatão” (Trajano *et al.*, 2017). Dessa forma, a sociedade não enxerga que no futebol feminino o ponto a ser discutido não é a mulher provar que é heterossexual ou homossexual, mas sim ter o direito de realizar o esporte ou atividade que deseja.

De uma forma geral, no mundo do futebol, as mulheres em algum momento sofreram algum tipo de preconceito, seja como torcedora, jogadora, árbitra, técnica ou dirigente. No requisito torcedora, cada vez mais as mulheres vêm ocupando esse espaço e são aceitas como tal. No entanto, suas capacidades são questionadas no sentido da compreensão das regras, das técnicas, ou seja, do jogo em si. Nesse sentido, como forma de comprovar seus conhecimentos, as mulheres acabam passando por inúmeros questionamentos, que vão desde a história do clube até elementos e regras de jogo (Souza *et al.*, 2019). Ademais, outro fator que acabou dificultando a aceitação da mulher como torcedora foi a criação do conceito de musa do time, já que a imagem da figura feminina era passada como um símbolo sexual. Assim, mais uma vez, construindo a ideia de que a mulher não pode ocupar o espaço de torcedora.

No aspecto jogadora, depois de muitos empecilhos durante a história – por exemplo, o período de proibições –, o futebol de mulheres ainda acaba tendo dificuldades no seu desenvolvimento. E isso pode ser percebido na fase escolar, na qual Moura (2003) aponta que as meninas enfrentam dificuldades em praticar futebol nas aulas de Educação Física mesmo essa modalidade sendo apontada como uma manifestação corporal da nossa cultura. Essa situação acaba afetando diretamente as jogadoras que estão por vir. Assim, percebe-se que a ideia de que o futebol é somente para

os meninos ainda é forte, principalmente nesse ambiente que deveria ser de estímulo e quebra de barreiras.

No quesito de arbitragem, o Brasil foi pioneiro por meio de Asaléa Campos Michelli, que, em 1967, foi registrada como a primeira árbitra feminina do mundo. Outra mulher que merece destaque é Silvia Regina de Oliveira, que, no ano de 2003, foi a primeira árbitra a apitar um jogo da Série A do Campeonato Brasileiro, com outras duas assistentes, Aline Lambert e Ana Paula Oliveira. Stahlberg (2013) retrata que a arbitragem foi a área mais vitoriosa conquistada pelas mulheres dentro do futebol, ultrapassando até as profissionais dos outros países. No entanto, mesmo tendo grandes conquistas neste aspecto, as mulheres que ocupam essa função sofrem mais que os árbitros, já que a tolerância com erros é menor quando comparada aos homens.

Na função de técnica e dirigente, as mulheres ainda ocupam pouco espaço, os cargos são predominantemente masculinos. No entanto, no Brasil, houve importantes momentos que merecem destaque como no ano de 2000, no qual o time Andirá Esporte Clube do Acre foi o primeiro clube profissional brasileiro a ser liderado por uma mulher, Cláudia Malheiro, que repetiu esse fato em 2007, conquistando o inédito vice-campeonato estadual. Em relação a gestão de times, Patrícia Amorim foi a dirigente mais famosa, já que comandou o Flamengo durante o triênio 2010-2012. Mas, diante de conquistas tão importantes qual seria o real motivo para a ausência de mulheres nesses cargos? Segundo Rocha (2006), a falta de visibilidade e exclusão das mulheres em cargos de comando se dá por questões de gênero e não por falta de habilidade ou capacidade. Evidencia-se que em todas essas áreas a capacidade do público feminino é, o tempo todo, colocado a prova simplesmente por serem mulheres.

Além de todos esses tipos de preconceito, o futebol feminino também acabou sendo prejudicado por parte da mídia. Desde a sua popularização, a mulher foi colocada como objeto de consumo em fotos, reportagens e revistas que exibiam a figura feminina como um atrativo sexual para o público masculino. Nessas situações, as mulheres eram colocadas com roupas apertadas e curtas, com o intuito de mostrar o máximo possível o corpo, salientando que o papel da mulher no futebol é mais voltado para a exibição como objetos expostos em uma vitrine ou museu. Os meios de comunicação produziam matérias que davam mais importância para o padrão estético do que a técnica das mulheres. A ligação entre beleza e jogo aumentava os questionamentos sobre as reais capacidades das mulheres no esporte (Mourão; Morel, 2005). Mas, felizmente, esse cenário foi mais forte no início da propagação do futebol pelo país, recentemente a mídia afeta o futebol feminino por meio da falta de transmissão de jogos e matérias que exaltem a qualidade e a competência do público feminino na modalidade.

Por fim, o futebol feminino é acometido, também, pela desigualdade de gênero salarial, já que comparado ao futebol masculino os salários e os investimentos são visivelmente desiguais, o que acaba afetando diretamente o desenvolvimento da modalidade. De acordo com o jornal O Globo, Marta em 2021 ganhava o equivalente a 1% do salário que Neymar recebia no momento. Essa notícia acabou virando uma questão do ENEM, no qual sofreu críticas por parte do presidente do Brasil em exercício na época (O Globo, 2021). Portanto, mesmo diante de muitos avanços e conquistas durante a história, o preconceito com o futebol feminino é uma bagagem que acompanhou o seu desenvolvimento e infelizmente ainda é algo presente.

2.3 A visibilidade do futebol feminino na Educação Física Escolar

O âmbito escolar também acaba sendo palco de preconceito, já que nas aulas de Educação Física, muitas vezes, as meninas são excluídas de atividades ou esportes que são predominantemente praticados pelos meninos. Essa exclusão acontece pelos colegas da sala que trazem preconceitos do ambiente familiar e pelos professores que fazem divisão entre atividades para os meninos e para as meninas (Aguiar; Maldonado, 2021). Um dos motivos para isso pode estar relacionado à carência dessa temática na formação dos professores de Educação Física. Dessa forma,

[...] os programas de formação profissional devem estar atentos a estas problemáticas, incentivando e desenvolvendo, já na graduação, propostas de trabalho que envolvam a implementação e a discussão efetiva da coeducação. Deste modo os futuros professores passariam a conhecer as dificuldades e vantagens deste tipo de trabalho, podendo refletir e construir estratégias que efetivamente mostrem-se eficazes na sua prática (Júnior; Darido, 2002, p. 08).

Dentro do ambiente escolar, o futebol é voltado para os meninos, durante as aulas eles são encorajados a pegar a bola e chutar, e as meninas a ir jogar vôlei ou brincar com bambolês. Segundo Lopez e Alexandre (2019), os professores devem buscar formas para incluir todos em suas aulas, possibilitando a vivência de diferentes práticas e a compreensão de que meninos e meninas podem praticar o esporte que desejarem sem o perigo de serem julgados. Esse ponto é necessário principalmente pela questão de que a escola é um ambiente onde os alunos têm o primeiro contato com diferentes práticas corporais, ou seja, é o momento que eles têm a oportunidade de se conhecerem e, quem sabe, escolher futuramente uma área ou um esporte para praticar.

No caso do futebol, um maior incentivo aos meninos pode limitar a prática e o desejo das meninas em optar por uma carreira profissional. Diante disso, os professores de Educação Física devem buscar diferentes formas e recursos para discutir sobre a

igualdade de gênero, ou seja, trazer a temática do futebol feminino para dentro da sala de aula enfatizando o processo histórico, o preconceito e o desenvolvimento dessa modalidade no Brasil. Ao entrarem em contato com esses assuntos, os estudantes da Educação Básica debatem sobre discriminações, estereótipos e preconceitos contra o público feminino e também com as pessoas que possuem diferentes identidades de gênero, o que é fundamental para a mudança de mentalidades (Aguiar; Maldonado, 2021).

Os professores de Educação Física devem ter a consciência de que são importantes veículos de transformação social na vida dos alunos, na maioria das vezes são vistos como espelhos ou modelos a serem seguidos. Segundo Lopez e Alexandre (2019), a Educação Física acaba sendo um meio de reduzir as desigualdades de gênero, considerando que as aulas podem ser desenvolvidas de maneira mista, diminuindo o preconceito e as diferenças entre os alunos. Os educadores podem trabalhar diferentes experiências com ambos os sexos, mostrando e desafiando os educandos a vivenciar diferentes situações para que compreendem que tanto as meninas quanto os meninos podem praticar o esporte que desejarem. Dessa maneira, ao incluir todos na aula e transmitir a ideia de que não existe atividade somente para meninos ou meninas, os educadores podem estimular a formação de cidadãos críticos e reflexivos sobre as questões de gênero permitindo favorecer a igualdade, inclusão, união e o respeito às diferenças.

Portanto, o ensino do futebol no contexto escolar é de extrema importância, tanto para desmistificar a ideia de que é somente para os meninos quanto no desenvolvimento dos aspectos físicos, psicológicos e sociais. Os alunos, tanto as meninas quanto os meninos, devem ter dentro da escola oportunidade de vivenciarem as mais diversas experiências educacionais, sem sofrerem nenhum tipo de exclusão, preconceito ou discriminação.

3 Resultados e discussão

Diante da pesquisa de levantamento bibliográfico e da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram evidenciados 7 artigos para análise, todos encontrados na base de dados do Google Acadêmico, visto que os demais registros achados no Lilacs e no Scielo foram excluídos pelos critérios estabelecidos pela aproximação da temática em estudo. Todos os artigos (n=7) foram publicados entre 2005 e 2022, sendo os estudos analisados de delineamento transversal (n=7; 100%) e com análises qualitativas (n=7; 100%). Nenhum estudo com análise quantitativo foi escolhido. Segue abaixo (quadro 1) os artigos selecionados para a pesquisa.

Quadro 1 – Análise dos artigos

Autor/Ano	Título	Objetivo	Resultados
Goellner (2005)	Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidade.	Evidenciar que há muito tempo as mulheres protagonizam histórias no futebol brasileiro ainda que tenham pouca visibilidade, seja na mídia, no cotidiano dos clubes e associações esportivas, na educação física escolar ou nas políticas públicas de lazer.	O artigo mostra que a relação mulher e futebol é vista durante as décadas como sinônimo de masculinização. Como se ao praticar este esporte a mulher perdesse sua feminilidade, já que o futebol é considerado violento e prejudicial a uma suposta natureza feminina, que deve ser preservada de acordo com a sociedade. Por isso, mesmo que alguns momentos as mulheres tenham saído das sombras a visibilidade ideal para o futebol feminino ainda está distante.
Teixeira e Caminha (2013)	Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática.	Identificar as condições de existência do preconceito de gênero no futebol feminino à luz da literatura científica e discutir os aspectos socioculturais que os fundamentam.	O presente artigo aponta que as diferentes situações de preconceito com o futebol feminino são recorrentes de questões históricas e culturais. Baseado na análise dos artigos os autores puderam identificar as formas de preconceito mais evidentes no contexto do futebol feminino como, por exemplo a erotização do corpo feminino. E os aspectos socioculturais que sustentam este preconceito como o mito do sexo frágil.
Lopez e Alexandre (2019)	O futebol feminino sob a perspectiva dos estudos de gênero: compreendendo as interfaces sociais.	Problematizar a respeito do futebol feminino em interface com as relações de gênero, no intento de estabelecer considerações sobre mulheres e o mundo futebolístico, desvelando as faces dos preconceitos pelas questões de gênero, da falta de incentivo, da visibilidade desigual da mídia e das diferenças salariais entre homens e mulheres que praticam o mesmo esporte.	O artigo apresenta as questões de preconceito com o futebol feminino que ainda ocorrem em pleno século XXI. Questões essas que vão desde sexualidade até desmotivação por parte das mulheres por se sentirem pressionadas. Ademais, neste estudo é destacado a importância da Educação Física para o futebol feminino, já que para muitos alunos é a forma de se obter o primeiro contato com os esportes, assim entra a figura do professor como uma ferramenta de transformação social.
Costa e Machado (2020)	Desvalorização do futebol feminino.	Mapear os artigos que tratam da modalidade, bem como discutir aspectos que ressaltam as características do futebol feminino quando comparado ao masculino.	Este estudo buscou enfatizar o preconceito com o futebol feminino, traçando uma linha desde a parte histórica, passando pela questão do investimento, enfatizando a desigualdade de gênero e o ambiente escolar, até como este esporte é tratado pela mídia. Dessa forma, os autores deixam claro que o preconceito com mulheres praticantes de futebol no Brasil é algo presente, que é evidenciado no ambiente familiar, escolar e durante a vida através da desigualdade de gênero. No entanto, com muita luta por parte das mulheres o futebol feminino vem adquirindo mudanças significativas, principalmente no universo da mídia.

Schimanski (2019)	Gênero, futebol e esportes: a sororidade como componente necessário para o empoderamento feminino.	Propor uma reflexão acerca da temática gênero e esportes evidenciando as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no campo do esporte.	Este artigo buscou refletir sobre a relação entre gênero e esporte, enfatizando neste contexto o futebol feminino. A ideia da autora foi discutir sobre o preconceito e as desigualdades que as mulheres sofrem nessa área. Dessa forma, ela trouxe a sororidade como uma ferramenta de união, de igualdade e de quebra de barreiras, tanto na sociedade como um todo quanto no futebol feminino.
Souza et al. (2019)	Impedimento? Possibilidades de relação entre a mulher e o futebol.	Apresentar uma construção histórica acerca do futebol e da participação feminina no mesmo. E discutir os papéis e espaços das mulheres que torcem, jogam, arbitram, comandam e dirigem clubes de futebol.	Este artigo buscou discutir sobre a trajetória do futebol feminino, destacando e mostrando que a mulher e o futebol sempre tiveram ligação, seja por meio do ato de torcer, jogar, arbitrar, comandar e dirigir. No entanto, mesmo ocupando esses papéis as mulheres ainda acabam sendo desvalorizadas e subestimadas, assim não assumindo de forma real o seu lugar desejado no futebol.
Silva e Ribeiro (2022)	Futebol e futsal de mulheres: estigmas e avanços.	Verificar se ainda há relatos de preconceito com o futebol e futsal de mulheres e padrões determinados pela mídia, bem como avanços na divulgação do futebol e futsal de mulheres e identificar quais motivações a sociedade oferece para a prática dessas modalidades pelas mulheres.	Este estudo trouxe comprovações que o preconceito com o futebol/futsal feminino ainda está presente atualmente. Mesmo tendo evoluções nesta área como, por exemplo, no âmbito da mídia, o preconceito por meio de incentivos, oportunidades e motivações ainda é algo enraizado em nossa sociedade. E que acaba sendo manifestado principalmente dentro das escolas, um local onde apenas os meninos são encorajados a praticar o futebol/futsal. Dessa forma, os autores ressaltam a criação de políticas públicas como forma de desfazer o preconceito nessa área.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Partindo da análise dos artigos (Quadro 1), é evidente que durante a história a mulher foi colocada como inferior, considerada como sexo frágil, sem lugar de fala, e para ser considerada ideal deveria seguir as doutrinas que a sociedade ditava. No entanto, as mulheres nunca ocuparam e se encaixaram nessa delimitação que tentaram colocá-las, lutaram pelos seus direitos e com o futebol não foi diferente, isto porque, mesmo enfrentando proibições e desigualdades estiveram presentes no mundo futebolístico. A partir disso, que se manifestou o preconceito com a prática do futebol feminino, já que, do ponto de vista machista, a relação mulher e futebol vai contra a natureza feminina, fazendo com que ela se torne masculinizada perdendo sua verdadeira essência.

No artigo de Goellner (2005), foram destacados os preconceitos sofridos pelas mulheres praticantes de futebol, são eles: a masculinização e a perda da feminilidade pelo fato de o futebol ser considerado violento e prejudicial a, suposta, natureza fe-

minina. Discursos que fazem apologia a beleza e erotização dos corpos das jogadoras também foram destacados neste estudo, ressaltando que esses aspectos são interessantes para atrair público e patrocínio para a modalidade. Ademais, outros tipos de preconceito foram evidenciados com relação a sexualidade e a mídia. O primeiro é colocado como um questionamento natural, já que a mulher ao criar algum vínculo com o futebol é considerada lésbica e o segundo é mais voltado para a falta de visibilidade nos meios de comunicação. Neste estudo é enfatizado que, ao longo dos anos, a ligação mulher e futebol é rodeada de discursos que procuram, o tempo todo, criar empecilhos para o desenvolvimento do futebol feminino. Dentro desse cenário, Aguiar *et al.* (2021), Ferreira *et al.* (2018) e Broch (2021) apontam recentemente que a confirmação dessa prática no Brasil ainda é rodeada de desigualdades de gênero.

Teixeira e Caminha (2013) indicaram as formas de preconceito mais evidentes no contexto do futebol feminino e são elas a falta de capacidade, a segregação, a restrição em determinadas práticas esportivas, preconceito de gênero no âmbito escolar, vigilância sobre a identidade de gênero, controle da aparência feminina, erotização do corpo feminino e o mito do sexo frágil. O intuito dessa pesquisa foi mostrar que de uma forma geral o preconceito com o futebol feminino é uma herança história e cultural, que baseia a relação mulher e futebol através da incompetência e fragilidade. Assim, neste caminho Souza e Ramalho (2021) *apud* Villanueva e Gallego (1994) apontam que é mais simples alterar leis do que tradições culturais, já que são mais relutantes a modificações.

No artigo de Lopez e Alexandre (2019) os autores destacaram os preconceitos de questões de gênero, objetificação sexual, perda da feminilidade, adoção de um corpo masculinizado, homofobia e desigualdade no ambiente escolar, sexualidade, a falta de visibilidade por parte da mídia, falta de incentivo e as diferenças salariais entre homens e mulheres. A finalidade deste estudo foi apontar os diferentes tipos de discriminação sofrida pelo público feminino que luta pela igualdade de gênero no futebol. Dessa maneira, Souza *et al.* (2019) destaca que desde criança a construção de discursos históricos e culturais reproduzem a ideia de que futebol é coisa de menino. Dificultando assim a inserção da prática feminina especificamente nesta modalidade.

Costa e Machado (2020) enfatizaram que por meio do percurso histórico do futebol feminino o preconceito com essa modalidade é decorrente principalmente pela desigualdade de gênero. Ademais, ocorre por meio da falta de incentivo e investimento no ambiente familiar e escolar, através da mídia e do salário. Dessa forma, observa-se que o preconceito é algo presente, sendo percebido nas diferentes esferas da vida social. Nessa situação, Daolio (2003) retrata que as heranças culturais construídas para homens e mulheres estão implantadas de forma tão resistente na sociedade, que in-

teresses de mudanças não seriam uma ferramenta suficiente de transformação social. Por outro lado, Schimanski (2019) enfatizou que os preconceitos mais sofridos pelas mulheres praticantes de futebol foram a masculinização, a erotização e a sexualização do corpo feminino pela mídia, a desigualdade de gênero, a preservação do corpo e do sistema reprodutor da mulher. Dessa forma, a autora apresenta como solução para essa desigualdade a sororidade, buscando assim por meio desta o empoderamento feminino. Afirmando esse contexto, Becker e Barbosa (2016, p. 246) mencionam que “[...] sororidade requer o reconhecimento pelas próprias mulheres das formas de opressão exercidas por elas sobre elas”.

Souza *et al.* (2019) evidenciaram que, no mundo do futebol, a mulher sofre preconceito de diferentes áreas, seja no ato de torcer, jogar, arbitrar, comandar e dirigir. Dessa forma, os preconceitos destacados dentro dessas esferas foram a falta de capacidade, falta de incentivo, de tolerância, de investimento, de incompetência, falta de espaço, erotização por parte da mídia e desigualdade de gênero salarial. Diante do estudo, observa-se que o público feminino de modo geral ocupa seu lugar no futebol, no entanto as suas capacidades ainda são questionadas e desvalorizadas. Nessa perspectiva, Costa (2016) destaca que, mesmo após a interdição, a ascensão do futebol feminino continua sendo um desafio. Os preconceitos enfrentados são decorrentes dos 30 anos de proibição, que desqualificaram e exaltaram a ideia de que mulher não combina com futebol.

Por fim, Silva e Ribeiro (2022) destacam que houve uma evolução no desenvolvimento do futebol feminino, no entanto isso não foi suficiente para impedir o preconceito por meio do machismo, da misoginia, da falta de incentivos, da invisibilidade, das oportunidades, e motivações. Ademais, com base na análise de estudos os autores destacaram que no âmbito da mídia houve um avanço significativo nas divulgações. No entanto, em contrapartida Neves (2019) enfatiza que a imprensa esportiva coloca a mulher em cargos secundários, seja no papel de torcedora, jogadora ou apresentadora de televisão. Dessa forma, pode-se constatar que o preconceito com essa modalidade ainda está presente, principalmente em relação à inserção a prática.

De forma geral, analisando todos esses artigos, o preconceito com o futebol feminino ocorre de diversas formas, em diferentes lugares e por meio de várias situações. É importante evidenciar que essa modalidade obteve grandes avanços e importantes conquistas, no entanto as meninas e as mulheres ainda sofrem diariamente com piadas, questionamentos e limitações na iniciação e participação no âmbito do futebol.

Conclusões

Verificou-se, com este trabalho, que o futebol feminino tem uma longa história, um trajeto carregado de proibições, limitações e principalmente preconceito com o público feminino. A mulher sofreu e ainda sofre diversos tipos de discriminação como torcedora, jogadora, árbitra, técnica e/ou dirigente. Os preconceitos vão desde a falta de incentivo, passando pela sexualidade e erotização do corpo até a falta de capacidade pelas quais são rotuladas pela sociedade.

A falta de investimento é outro ponto que deixa clara a diferença entre o futebol masculino e o feminino, que acaba afetando na estrutura física e técnica dos clubes. As restritas divulgações midiáticas também são uma importante ferramenta na desvalorização da mulher no futebol. No entanto, ao longo dos últimos anos, podemos perceber uma maior inserção do futebol feminino na mídia por meio das transmissões, jornais, propagandas e reportagens.

Dentro deste âmbito, a escola é importante ferramenta, para muitos alunos ela é o primeiro contato com o mundo dos esportes. No entanto, para as meninas esse ambiente pode ser um reforço de preconceitos quando professores priorizam o futebol apenas para os meninos, o que interfere no interesse pela prática e uma possível carreira profissional das meninas. O professor deve ser um agente de transformação social, ou seja, trazer para suas aulas a questão da igualdade de gênero mostrando que tanto os meninos quanto as meninas podem praticar aquilo que desejam.

Por meio dos estudos, ficou claro que independente da área que as mulheres ocupem no futebol o preconceito em todo o tempo esteve presente, questionando e desvalorizando as suas capacidades. O público feminino nessa modalidade enfrentou a falta de investimento, de espaço, de tolerância, a desigualdade de gênero e salarial, a invisibilidade e a erotização por parte da mídia. Ademais, as mulheres também tiveram a sexualidade, a feminilidade e a competência questionadas. Dessa forma, mesmo com muitos avanços, o preconceito com o futebol feminino ainda está muito presente nos dias atuais, algo que acaba enraizado no âmbito familiar e reforçado, muitas vezes, na escola com o apoio da sociedade.

Futuramente novos estudos podem abordar essa temática de forma mais profunda, procurando entender por meio de uma pesquisa de campo o preconceito com o futebol feminino desde o ambiente familiar, passando pelo âmbito da escola e na sociedade por meio de entrevistas em clubes de futebol, com mulheres e com a população em geral e específica, aquela que se sinta afetada de alguma forma ou que queira transformar essa realidade discriminatória. Dessa forma, contribuirá para um futuro no qual o futebol feminino tenha mais visibilidade e desenvolvimento sem nenhum tipo de limitação ou preconceito.

Referências

AGUIAR, D. S. N.; MALDONADO, D. T. Futebol feminino no Brasil: problematizando saberes de resistência nas aulas de educação física escolar. **Revista do Departamento de Educação Física**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 1-25, ago./dez. 2021.

ARAÚJO, Érica, A.; VENTURA, Mauro, S. **Misoginia no Futebol Feminino: Retratos Históricos no Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Intercom, 2021.

BECKER, M. R.; BARBOSA, C. M. Sororidade em Marcela Lagarde y de los Ríos e experiências de vida e formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o saber-fazer-pensar nas ciências humanas. **Revista de Estudos Feministas em Tecnologia e Religião**, v. 2, n. 2, p. 243-256, ago./dez. 2016.

BRITO, A. P. G.; OLIVEIRA, G. S.; SILVA, B. A. Importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 44, p. 1-15, 2021.

BONFIM, A. F. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Escola de Ciências Sociais, p. 213, Rio de Janeiro, 2019.

CARMONA, L.; POLL, G. **Almanaque do futebol**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

COSTA, J. V. Z; MACHADO, T. S. **Desvalorização do futebol feminino**. [s.l.] 2020.

COSTA, Martina, G. B. Perspectivas para o futebol feminino: um estudo a partir do Pelotas/Phoenix. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol – versão eletrônica**. São Paulo, v. 8, n. 31, p. 379-386, jan./dez. 2016.

DAOLIO, J. A ordem e a (des)ordem na educação física brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 1, p. 115-127, set. 2003.

DECRETO-LEI nº 3.199 de 14 de abril de 1941. **Planalto**, 1941. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del33199.htm. Acesso em: 19 dez. 2023.

FERREIRA, Mario Jordão Pessoa et al. Preconceito no futebol feminino no Brasil: uma revisão narrativa. *Revista Diálogos em Saúde*. v. 1, n. 2, p. 112-128, 2018. Disponível em: <https://periodicos.iesp.edu.br/index.php/dialogosemsaude/article/view/211/188>. Acesso em: 19 dez. 2023.

FIRMINO, Carolina, B.; VENTURA, Mauro, S. **Sou atleta, sou mulher: a representação da seleção brasileira de futebol feminino na cobertura dos Jogos Olímpicos em Londres (2012)**. São Paulo: Intercom, 2013.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, v.19, n.2, p. 143-51, abr./jun. 2005.

JÚNIOR, S. M. O; DARIDO, C. S. A prática do futebol feminino no Ensino Fundamental. **Revista Motriz**, v.8, n.1, p. 1-9, jan./abr. 2002.

LOPEZ, F. P; ALEXANDRE, B. P. **O futebol feminino sob a perspectiva dos estudos de gênero: compreendendo as interfaces sociais**. Jaciara: EDUVALE, 2019.

MENDES, K. M. A. **A influência dos fatores midiáticos no futebol feminino**. Trabalho de Conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Rio Claro, 2023.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: a diferença que faz uma medalha de prata. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.

MOURA, E. J. L. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, p. 135, 2003.

NEVES, T. Apresentadora, torcedora ou jogadora: Fernanda Gentil, Larissa Riquelme e Marta nas representações das mulheres pelo jornalismo esportivo. **Fulia/UFMG**, v. 4, n. 1, jan./abr. 2019.

RIBEIRO, F. Retorno zero. **Revista Placar**, p. 27, jun. 2007. Disponível em: https://issuu.com/placar/docs/placar_junho2007/17. Acesso em: 19 dez. 2023.

ROCHA, C. T. C. **Gênero em ação: Rompendo o teto de vidro?** (Novos Contextos da Tecnociência). Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, p. 244, 2006.

SILVA, G. H. A; RIBEIRO, V. B. Futebol e futsal de mulheres: estigmas e avanços. **Caderno De Educação Física E Esporte**, v. 20, e-28992, p. 1-7, jun. 2022.

SOUZA, Gustavo, L. P. ; RAMALHO, Carlos, S. S. **Futebol Feminino: espaço em construção**. Brasil, 2021.

SOUZA, L. M, *et al.* Impedimento? Possibilidades de relação entre a mulher e o futebol. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 25, n. 3, p. 282-293, mai. 2019.

SCHIMANSKI, E. Gênero, futebol e esportes: a sororidade como componente necessário para o empoderamento feminino. **UEPG Appl. Soc. Sci.**, Ponta Grossa, v. 27, p. 59-66, jan./abr. 2019.

STAHLBERG, L. T. **Mulheres em campo: novas reflexões acerca do feminino no futebol**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

TRAJANO, *et al.* Time amador juvenil de futsal feminino de Barra do Garças-MT: rompendo limitações na construção do gênero mulher. **Educ. Fís., Esporte e Saúde**, Campinas, v. 15, n.1, p. 65-91, jan./mar. 2017.

TEIXEIRA, F. L. S; CAMINHA, I. O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, v. 19, n. 01, p. 265-287, jan./mar. 2013.

VIANA, A. E. S.; Futebol: das questões de gênero à prática pedagógica. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**. Campinas, v. 6, ed. especial, p. 640-648, jul. 2008.